

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO
INICIAÇÃO CIENTÍFICA
GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

PATRICIA YUME AKIYAMA

BIOGRAFIA NOTÁVEIS
PROF. ALBERTO FERNANDO MELCHIADES XAVIER

SÃO PAULO

2013

PATRICIA YUME AKIYAMA

BIOGRAFIA NOTÁVEIS

PROF. ALBERTO FERNANDO MELCHIADES XAVIER

Artigo Científico apresentado à Coordenação de Iniciação Científica como requisito à obtenção do certificado de conclusão da pesquisa desenvolvida no curso de Arquitetura e urbanismo do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

Orientador(a): Prof.^a Pérola Felipette Brocaneli

SÃO PAULO

2013

RESUMO

A Academia dos Notáveis do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo foi criada com o objetivo de aproximar e excluir o corpo discente do curso de Arquitetura e Urbanismo dos professores com idade superior a sessenta e cinco anos com carreira docente relevante no Centro Universitário Belas Artes. Assim surgiu a idéia de desenvolver edições digitais como fascículos dos membros integrantes da Academia dos Notáveis. Esta pesquisa enfoca um breve levantamento histórico e trajetória acadêmica e do arquiteto notável Alberto Fernando Melchiades Xavier.

Palavras-chave: Biografia, Academia dos Notáveis, Belas Artes, Alberto Xavier.

ABSTRACT

The Academy of remarkables from Centro Universitário Belas Artes de São Paulo was created to approximate the student body of Architecture and Urbanism from the teachers older than sixteen-five years old of educational career on Centro Universitário Belas Artes. Hence the idea to develop digital editions such as fascicle of members. This research focus on a brief survey of history, academy history and the remarkable architect Alberto Fernando Melchiades Xavier.

Keywords: Biography, Academy of Remarkable, Belas Artes, Alberto Xavier.

1. INTRODUÇÃO

A palavra Biografia tem origem etimológica nos termos gregos: Bios que significa "vida" e Graphein que significa "escrever, descrever, desenhar"¹.

Desde o tempo do neoplatônico Damaskios (c. 462 - 538 d.C.) a quem se atribui a primeira biografia, uma narrativa intitulada como Vida de Isidoro, a escrita de fatos particulares das várias fases da vida de uma pessoa se torna um documento da trajetória de vida com dados precisos, incluindo nome, locais e datas dos principais acontecimentos.

A narrativa de trajetórias individuais permanece em destaque e provoca interesse a muitas pessoas. O motivo do sucesso dos textos biográficos, muitas vezes se dá devido a curiosidade humana, que pode ser definida como o "interesse pelo que é diferente". Todos nós temos uma vida diferente, trajetória diferente, decisões diferentes portanto, biografar é descrever a trajetória única de um ser único. A biografia é realizada com a

finalidade de exaltar, criticar, descobrir, justificar, defender. Tais finalidades, fazem com que o ato de biografar se torne uma experiência singular e única².

Segundo Marcel Schwob "A ciência histórica nos deixa na incerteza sobre os indivíduos. Ela só nos revela os pontos pelos quais eles se ligaram às ações gerais. Ela nos diz que Napoleão sofria no dia de Waterloo, que é preciso atribuir a excessiva atividade intelectual de Newton à continência absoluta de seu temperamento, que Alexandre estava bêbado quando matou Clitos e que a fístula de Luís XIV pode ser a causa de algumas de suas resoluções. Todos esses fatos individuais só têm valor porque modificaram os acontecimentos ou porque poderiam ter desviado a série. São causas reais ou possíveis. É preciso deixá-las aos sábios."

Ao estudar a biografia do professor notável Alberto Xavier, é possível compreender sua vida, sua motivação na escolha da profissão, sua ideologia e também as características de seu raciocínio intelectual que o direcionam em momentos de conflito.

A biografia também nos revela a importância dos acontecimentos históricos no rumo de um profissional em suas atividades profissionais e acadêmicas no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

Esta pesquisa pretende homenagear este notável professor, para que outros profissionais da área possam se inspirar em seu desenvolvimento profissional e acadêmico além de revelar a categoria desde profissional que dedicou muitos anos no ensino de arquitetura e urbanismo no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

Atualmente o notável Alberto Xavier leciona diversas disciplinas no Centro Universitário Belas Artes e na Universidade São Judas Tadeu.

Para este trabalho, foram levantadas questões importantes do desenvolvimento, trajetória acadêmica e profissional através de um relato do próprio notável.

Este relato foi digitalizado e editado com o cuidado de manter a integridade das informações e será apresentado de forma integral para futuras consultas.

2. DESENVOLVIMENTO

RELATO DE UMA TRAJETÓRIA - Alberto Fernando Melchiades Xavier.

Primeiramente, gostaria de ressaltar que ingressei na faculdade de arquitetura em meados de 1957 e, portanto, já se foram mais de 56 anos. É um pouco difícil lembrar alguns fatos, ainda mais aqueles que, muitas vezes, são resolvidos de um modo inconsciente.

Fui criado e estudei por um bom tempo em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul onde não questões relacionadas a arquitetura, revistas e a própria atividade ligada aos arquitetos eram muito rara, praticamente não existiam. Acabei por me interessar pela profissão porque entre o meu grupo de amigos haviam 2, já mais velhos, que cursavam e, não por causa da profissão mas por serem amigos próximos, me despertou uma certa simpatia.

Uma vez, um arquiteto recém formado em Minas Gerais e sobrinho de um gerente do Banco do Brasil, foi tentar a vida profissional em minha cidade. Imagine só o que poderia aparecer de demanda de trabalho (risos).

Éramos ligados ao clube da cidade e atividades sociais como bailes eram recorrentes no local, e um projeto chamado de Clube Cassino Alegretense foi realizado e executado com muito cuidado por esse arquiteto. Na época, foi feita uma maquete e esta, exposta na entrada da antiga sede para angariar recurso e viabilizar a construção.

Tenho impressão que aquilo me tocou, me senti muito interessado na construção da sede do clube e também pela natureza do material exposto.

Minha motivação não é muito clara nem muito consciente, fora esses dois fatos não saberia muito dizer o que me influenciou a escolher a minha carreira profissional.

Eu ingressei na faculdade de arquitetura na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1957. Prestei um vestibular extremamente rigoroso e bastante concorrido. O vestibular era composto de um exame oral em todas as matérias e também uma prova de matemática, física, desenho e se eu não me engano português ou história.

Minha turma de colegas era bem pequena, haviam 34 alunos e as mulheres eram clara minoria diferentemente de hoje que 60% das inscrições no CAU (Conselho de Arquitetura e Urbanismo) vem de mulheres. Naquela época era muito raro isso e no meu caso, as mulheres eram quinta parte da turma. Todas elas usavam saia e salto alto enquanto os rapazes frequentavam as aulas de gravata. Além disso, pelo país haviam somente as faculdades de arquitetura de Porto Alegre, São Paulo (Mackenzie e FAU), Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Nada mais que isso.

Essa época de 57 a 61, eu vivi um período muito especial na faculdade. Tínhamos um movimento político caracterizado por muitas discussões acaloradas sobre temas ligados a nossa desigualdade social e foi um período marcado no plano internacional por acontecimentos de grandes repercussões como a Guerra Fria e a Revolução Cubana. Foi pedido que tivéssemos uma participação muito ativa tanto no debate, capitaneado pela UNE (União Nacional de Estudantes), quanto especificamente com ações internas na faculdade por melhoria do ensino.

Na faculdade eu fui presidente do diretório acadêmico entre os anos de 58 e 59. Um fato que marcou muito, acho que toda as pessoas da minha geração, foi Brasília. Por coincidência, entrei na faculdade em Março/57 que foi exatamente o mesmo ano e mesmo mês que se divulgou o resultado do concurso de modo que, mesmo que mal ingressado na faculdade, já estávamos envolvidos nesse episódio histórico não só para a arquitetura brasileira mas para a própria sociedade brasileira. Esse fato nos acompanhou durante todo o desenvolvimento da cidade que durou 3 anos.

Organizamos um grupo de alunos do mesmo ano que eu e em 1959, visitamos a cidade quando faltava menos de um ano para sua inauguração (Brasília foi inaugurada em 1960). Eu me lembro muito bem que tinha até fotografia do Congresso Nacional ainda um mero esqueleto metálico, os edifícios feitos fantasmas, os Ministérios alinhados um em frente ao outro ainda vestidos com a estrutura metálica bem longe de terem acabamento definido e claro, no ensino, nas propostas, nas revistas, tudo aquilo nos comprometeu e nos envolveu de um modo muito próximo e a mim, em particular, comecei a me interessar na condição de um estudante juntamente a um professor muito competente e dedicado, o professor Edgar Graeff, a me envolver com a obra de Lucio Costa.

Tomei conhecimento de alguns textos publicados aqui e ali e fui colecionando, ampliando e me correspondendo com pessoas ligadas a ele. Em São Paulo, Saia e Lourival Gomes Machado incentivaram; no Rio conheci Rodrigo Melo Franco de Andrade, Simeão Leal, Alcides da Rocha Miranda, que trabalhavam com Lucio Costa no Patrimônio. Todos falavam “É importante, vai em frente”, mas ninguém queria se comprometer. Sabiam que, por uma razão ou outra, ele era absolutamente contrário.

O escritório dele no Patrimônio era conhecido como a “toca do doutor Lucio”. “Se você falar com ele, ele vai achar ótimo, vai pedir o material para ver e nunca lhe devolverá”, me diziam. Fui em frente, comecei a contatar pessoas próximas a ele, como Ernani Vasconcelos, que fez parte da equipe do ministério, Elias Kaufman, que chegou a ter sociedade com a filha dele e foi o primeiro a tentar uma publicação, entre outros. E o material que eu tinha reunido era mais que suficiente. Muitas vezes, eu copiava à mão um artigo que achava na Biblioteca Nacional. Mas a publicação ganhou uma série de atributos positivos, como o projeto gráfico de Carlos Scliar, com formato diferenciado, e levei dois ou três anos fazendo isso. Depois de impresso, chegou a hora da entrega.

Prepararam o Doutor Lucio, foram todos comigo, como batedores: Alcides e o próprio Rodrigo, entre outros, entraram na sala e disseram que estava ali um estudante de arquitetura do Rio Grande do Sul que viera lhe trazer um presente. Quando ele abriu e deu uma olhada, ficou aquele silêncio. Então ele disse: “Quem autorizou isso?”.

“Ninguém”, respondi. E ele me falou: “O senhor sabe que isso é um caso de polícia?”. O pessoal interveio, dizendo que tudo havia sido feito com cuidado e critério. Mas ficou aquele constrangimento, pois eu não esperava uma reação daquela. Após esse episódio, eu tinha um contato, Dora Alcântara, que era ligada ao Patrimônio, e ela me dava notícias, talvez através de Maria Elisa [filha de Lucio Costa].

Seis meses depois, soube que ele lera o livro de cabo a rabo, fazendo anotações com um toquinho de lápis, como era seu hábito. Acho que foi a própria Dorinha quem me mandou. A rigor, ele não tinha nada a reparar, só algumas anotações de erros gráficos, que não eram meus, mas dos originais, e uma ou outra observação sobre aspectos como o destino de algum projeto que ficou abandonado ou uma pretensão dele em relação a algum assunto.

Eu o visitava sempre que ia ao Rio de Janeiro. Quando me mudei para Brasília, em 1968, pretendia dar continuidade a esse trabalho, reunindo outros textos, e aconteceu algo que eu não esperava: tínhamos um contrato para outra edição assinado por ele e por mim. (Vide cartas em anexo)

O resultado então foi meu livro: Lucio Costa, Sobre a Arquitetura.

Este livro que eu organizei, foi publicado no ano seguinte que eu me formei e houve uma procura muito grande, um impacto realmente forte segundo depoimentos de colegas entre outros da própria UFRS.

Terminado meu período como estudante em 61, trabalhei em Porto Alegre em um escritório particular até 68. O escritório seguia os padrões correntes e que não foge muito do que é hoje. Me estabeleci em um determinado endereço em uma sociedade com um colega contemporâneo da faculdade. Este meu colega (José Carlos Córdova Coutinho) hoje tem um reconhecimento de um trabalho desenvolvido na mesma época que eu na universidade de Brasília e já foi homenageado como cidadão honorário de Brasília e está sendo homenageado como professor emérito da Universidade de Brasília. Enfim, tínhamos o escritório e realizamos alguns trabalhos de interesse nada excepcional, apesar de um ou outro prêmio por parte do IAB-RS, um outro construído. Tínhamos projetos de arquitetura, interiores, não para residências mas para instituições ligadas a crédito de investimento que estavam em alta naquele período, instalações bancárias e etc.

Em 68 recebi um convite de um colega do RS para lecionar na Universidade de Brasília. A ida da Universidade se deveu pelo seguinte fato: O Golpe Militar de 64. Com a demolição feita nas estruturas universitárias, em função de uma censura violenta evidentemente atribuída a ação dos professores, o curso de Arquitetura ficou totalmente detonado e com

isso, os estudantes ficaram com déficit de professores. O curso foi iniciado em 62 e foi até 66, seria a segunda turma a se formar e não havia professor. O IAB tomou para si a responsabilidade de organizar o curso de arquitetura que antes estava em uma situação "meia sola" e não satisfazia ninguém com uma ação de, através dos departamentos regionais, convidou arquitetos para uma atividade que pudessem recomendá-los para o ensino acadêmico.

Foram arquitetos de Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro e se eu não me engano Fortaleza. Essas quatro fontes que forneceram profissionais e auxiliares que, com menos tempo de vida profissional e sem experiência na área acadêmica, foram acolhidos pela Universidade Católica de Goiânia onde trabalhamos de 68 até 73. Pra mim, foi uma experiência muito rica por uma série de razões: Primeiramente por residir em uma cidade que era distinta de toda e qualquer outra, segundo que, eu já conhecia os textos, estudos, conhecia em 59 antes de ser inaugurada, conhecia suas virtudes, depoimentos das pessoas que já moravam lá e claro, de outra parte, a própria atividade profissional que a desenvolvi em uma universidade nova que alterava muito dos princípios tradicionais das universidades brasileiras e eliminava a cátedra e tinha como importante mudança o ciclo básico e ciclo profissional.

No ciclo básico de 2 ou 3 semestres era possível optar por um elenco de disciplinas como música, artes plásticas, curso breve de literatura para depois ingressar no ciclo profissionalizante.

Para o corpo docente, havia uma oportunidade única de participar do projeto dos edifícios que estavam sendo construídos no Campus. É bom lembrar que o campus estava resumido em um ou outro pavilhão e o curso de Arquitetura funcionava em um edifício destinado originalmente a um depósito conhecido também como "minhocão" que abriga o ICC (Instituto Central de Ciências). Atualmente abriga sete institutos (Ciências Exatas, Ciências Humanas, Ciências Sociais, Física, Geociências, Letras e Psicologia) e três faculdades (Comunicação, Agronomia, Veterinária e Arquitetura e Urbanismo). O edifício previsto por Lúcio Costa no primeiro plano urbanístico da universidade e desenhado por Oscar Niemeyer com cento e tantos metros de extensão na época ainda era uma estrutura em montagem então, este campus era muito carente em termos de edificações. Não tínhamos nem o básico, muito menos um restaurante, um centro esportivo e tal. Tivemos então a oportunidade de participar do projeto no sentido de alimentar o acervo de obras da Universidade. Os projetos eram desenvolvidos, detalhados e executados lá. Participei juntamente com um colega de São Paulo onde fizemos uma equipe e

realizamos o projeto do alojamento de estudantes que foi construído. (Vide projeto em anexo)

Agora claro que, apesar da certa liberdade de trabalho, vivíamos em um clima de muita incerteza naquele período de ditadura militar. Os depoimentos eram sempre relacionados a alguma forma de intromissão, alguma forma de controle das nossas atividades e até mesmo no conteúdo das aulas. Qualquer professor novo ou até nós mesmos, éramos indicados para algum cargo. Eu fui, inclusive, vice diretor do curso de arquitetura e tínhamos que passar pelo SNI(Serviço Nacional de Informações) para verificar se havia alguma ligação com algum partido político, conspirações, movimentos estudantis e até mesmo prisões. Brasília mesmo viveu, em todo o tempo que morei lá, uma "crise existencial". Lembro-me de tapumes nos quarteirões dos prédios em construção com afirmações do tipo Brasília Irreversível, Brasília será sempre a Capital Federal. O próprio regime militar não deu muita bola para a cidade, não se construiu nada além de um pirulito metálico (um mastro gigantesco próximo ao palácio do planalto) e uma casa de chá semi-enterrada na Praça dos 3 Poderes porque a esposa do Presidente da República achava que Brasília não tinha Vida Social e ali seria um lugar apropriado para as madames se encontrarem.

Em 69 o professor Nestor Goulart Reis Filho, um ativo produtor cultural com trabalhos de arquitetura importantíssimos, foi dar um curso para nós chamado Curso de Férias porque tínhamos que recuperar o período perdido. As aulas se desenvolveram até metade de fevereiro e neste ano que o professor Nestor esteve na faculdade, fiquei encarregado de acompanhá-lo. Ser uma espécie de assistente. Ele gostou do meu trabalho e em uma primeira oportunidade, fui convidado para vir a São Paulo ser professor da FAUUSP(Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo).

Para que eu não ficasse apenas com uma única atividade já que em Brasília eu era professor em período integral, vim para São Paulo como assistente técnico dele que era o Diretor da FAU. Na FAUUSP trabalhei de Janeiro de 74 até 1980. Foram 2 contratos de 3 anos cada e acabei, infelizmente, não conseguindo renovar porque não estava conseguindo conciliar esse trabalho acadêmico com a atividade profissional que eu comecei a alimentar para que não ficasse somente na parte do ensino. O escritório o qual eu trabalhava me deu uma clara decisão: Ou se dedica ao escritório ou cai fora.

Diante dos meus compromissos financeiros, família entre outros, eu enfrentei esse dilema profissional e acabei deixando a FAU. Neste mesmo período, um pouco mais, de 74 a 86 mais ou menos eu lecionei as mesmas disciplinas de Arquitetura Brasileira na

Universidade Católica de Santos e consegui conciliar com o escritório porque lecionava aos sábados de manhã.

Minha experiência acadêmica foi ganhando mais força desde a Universidade de Brasília até a USP e nesse tempo desenvolvi uma pesquisa bibliográfica muito intensa durante meu período na UNB em quase decorrência do livro Lucio Costa: Sobre Arquitetura em parte pela minha própria vivência em Brasília e sobre Brasília. Comecei então a verificar o quanto esse tema "Brasília" tinha sido objeto de atenção por parte das revistas estrangeiras em mais variadas línguas, revistas européias, americanas, latino-americanas, e mantive uma correspondência intensa com exposições voltadas a este tipo de pesquisa e publiquei primeiramente em Brasília e depois em São Paulo com mais cuidado. Uma espécie de livreto chamado: Brasília e Arquitetura Moderna Brasileira.

Quando cheguei em São Paulo fui até a editora Pini com quem eu mantinha contato através do filho do proprietário o arquiteto Mario Sergio Pini e promovi para ele uma ideia. Ele topou logo de cara. Iríamos então, editar um livro, uma coletânea das obras da arquitetura moderna a qual achávamos mais interessantes.

Primeiro, eu listava as obras, pois tinha algo em mente, e depois discutíamos. Em seguida, eu ia de novo à biblioteca, reunir mais dados.

Nós xerocávamos os desenhos e havia uma pessoa que padronizava; nas fotografias, quem ajudou muito foi José Moscardi, que tinha um arquivo bem organizado; e a parte de texto era sempre com Lemos. Ele punha as duas mãos atrás da cabeça, ia falando e eu anotava, às vezes sugeria uma coisa ou outra. Depois mostrávamos para Corona, que eventualmente dava sugestões. Ele era uma espécie de consultor. Como era mais velho, tinha muitas das coisas mais remotas na cabeça. E boa parte da velha geração ainda estava viva.

Nesse período listamos obras desde as primeiras modernas que eram as que antecederam as casas do Warchavchik, um projeto de 1927 até as décadas de 1960 e 1970.

Mais de 50 anos contemplando prédios de mais variada finalidade e de mais distinta importância. O livro foi um sucesso, pois preencheu uma lacuna que não havia nenhum levantamento sobre esse movimento moderno ocorrido na arquitetura paulistana. Havia somente obras esparsas em revistas e o livro acabou se esgotando em um período relativamente breve.

Em decorrência desta bibliografia, comecei a me interessar pela discussão, pelo debate, pelo questionamento e posições distintas e até antagônicas sobre a arquitetura brasileira tanto na escola chamada carioca aonde Oscar Niemeyer quanto a arquitetura paulista liderada pelo Vilanova Artigas. O livro eu denominei como "Depoimentos de uma

Geração" e reúne um número considerável de textos. Não tem nenhuma ilustração, são só textos debatendo a arquitetura brasileira até Brasília. Brasília mesmo foi excluída.

Este livro foi editado recentemente pela editora Cosac Naify, uma editora já com um nome respeitável na área de artes, com um outro cuidado. Inclui nesta edição que não havia no primeiro a visão estrangeira que chamei de Olhar Estrangeiro. Foi importante porque conseguimos contemplar nomes como Bruno Zevi, Max Bill, Walter Gropius entre outros e enriqueceram bastante a publicação.

Paralelo a essa produção realizada no meio acadêmico (Arquitetura Paulistana e Depoimentos de uma Geração), o Arquitetura Paulistana me despertou um interesse e me motivou a pensar em uma publicação similar para as outras capitais. O Mario Pini como falei, deu o maior apoio nesse sentido. Facilitou na medida do possível visitar esses lugares e saíram na ordem: Arquitetura Moderna em Curitiba que eu fiz sozinho; Arquitetura Moderna em Porto Alegre em parceria com o Ivan Mizoguchi; Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro em parceria com meu contemporâneo Alfredo Britto e uma garota que colaborava e se envolveu muito com o livro e acabou se tornando co-autora, Ana Luiza Nobre.

Os livros seguiam o mesmo padrão desde as primeiras obras consideradas pertinentes ao movimento moderno até as próximas ao período de publicação da edição.

Minha atividade no campo da pesquisa, que foi o caminho que eu segui com muita dedicação paralelo ao ensino e progressivamente abandonando a prática profissional, por isso, não ressaltai os locais que eu trabalhei em São Paulo, já que prevaleceu e me deu importância como a atividade, a atividade acadêmica ligada ao ensino e a pesquisa.

Entretanto, na Belas Artes eu ingressei em 1994 após mais ou menos 15 anos da FAU. Neste período entre a saída da FAU e a entrada na Belas Artes, trabalhei em outras instituições de ensino superior e concomitantemente, trabalhei em escritórios como o do Rino Levi (na época já falecido), um breve período no IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas) onde trabalhei para o Banco Nacional de Habitação e também na EMPLASA onde foram realizados trabalhos de estoque de terra em São Paulo que havia sido solicitado também pelo Banco Nacional de Habitação. Após anos na EMPLASA já com aquele clima de mesmice, um pouco de desinteresse, uma certa improdutividade um tanto angustiante para eu que gostaria de realizar coisas que desafiasses mais, pelo que eu me recordo, voltei por inteiro ao ensino.

Na Belas Artes eu me recordo que meu ingresso se deu quando o professor Eduardo Kneese de Mello faleceu. Fui assistente dele na FAUUSP e as aulas que assisti me deixaram com muitas saudades. As aulas eram muito concorridas e de caráter muito

distinto. Eram verdadeiras viagens. Ele era fotógrafo e deixou uma coleção de slides importantíssimos que está no acervo da Biblioteca da Belas Artes. Ele tinha um conhecimento muito grande e uma ligação afetiva direta com Brasília e isso porque ele fez muitos projetos e realizou uma série de experiências com pré fabricados o qual ele tinha uma empresa. Eu me recordo bem que em uma aula com ele, os alunos leram um manifesto para ser entregue ao Diretor da Faculdade para que o professor Kneese não fosse aposentado. Entretanto, por questões legais onde a aposentadoria é obrigatória aos 70 anos, não deu em nada. Assumi então em 94 e desde então se passaram 20 anos onde foi possível verificar uma mudança significativa na Belas Artes.

A ligação afetiva que tivemos com a escola foi aumentando proporcionalmente desde a melhoria física. Quando entrei o curso funcionava no chamado "prédio velho" e nesse meio tempo foi construído um prédio novo onde antes funcionava um estacionamento. A biblioteca teve um avanço extraordinário sendo um orgulho. É muito bem equipada e frequentada de modo assíduo pelos professores, alunos e até mesmo pessoas de fora. Os equipamentos, infra estrutura, auditório tudo se renovou com a mais alta tecnologia. Além disso, gostaria de ressaltar muito a qualidade do corpo docente. Tenho colegas de excelente formação, o clima é extremamente acolhedor e damos aos alunos uma mostra de solidariedade, respeito e oportunidade de refletir o que é muito importante.

Em particular, a Belas Artes me proporcionou a oportunidade de obter o título de pós graduação. Já havia tentado o curso na FAU e por problemas de conciliação de tempo já que eu trabalhava em um escritório, tive dificuldades de acompanhar as disciplinas e cumprir com as minhas obrigações. Consegui retomar o curso com um grupo de professores mais ou menos da mesma geração que eu e obtive o grau em 2002.

Fim do Relato.

ANEXOS:

A Casa do Estudante Universitário – Brasília, Léo Bonfim Júnior e Alberto Xavier, UnB –1970 (OBRA CONSTRUÍDA)

A Casa do Estudante Universitário foi um projeto do professor Alberto Xavier em conjunto com os arquitetos Léo Bonfim Júnior e Solon Leão P. de Souza (colaborador) desenvolvido em 1969.

A partir de 1970, começou uma nova fase de construções de prédios no campus e os novos edifícios tinham o uso preponderante de concreto armado sendo um dos primeiros projetos a ser executado dessa forma a Casa do Estudante. A obra teve início em Janeiro de 1970 e durou cerca de 2 anos sendo concluída em 1972.

O edifício, suspenso por pilotis, se encontra no Centro Desportivo ao lado do parque aquático do Centro Olímpico e próximo às margens do lago Paranoá. Atualmente somente dois de oito edifícios projetos estão construídos.

Abriga cerca de 46 apartamentos por bloco com capacidade de 6 estudantes sendo um total de 544 apartamentos nos 2 blocos existentes.



Figura 1 - Vista aérea do Centro Olímpico e Alojamentos - UnB

Fonte – Visão sobre Alojamentos Universitários no Brasil de Adalberto José Vilela Júnior



Figura 2 - Alojamento UnB – 1972

Fonte – Visão sobre Alojamentos Universitários no Brasil de Adalberto José Vilela Júnior

O acesso aos apartamentos se faz através de uma escada, localizada na fachada leste e esta, faz ligação por duas passarelas alinhadas e dispostas em alturas diferentes. Ao sair das escadarias, segue-se por um corredor central que se estende do primeiro ao último apartamento.

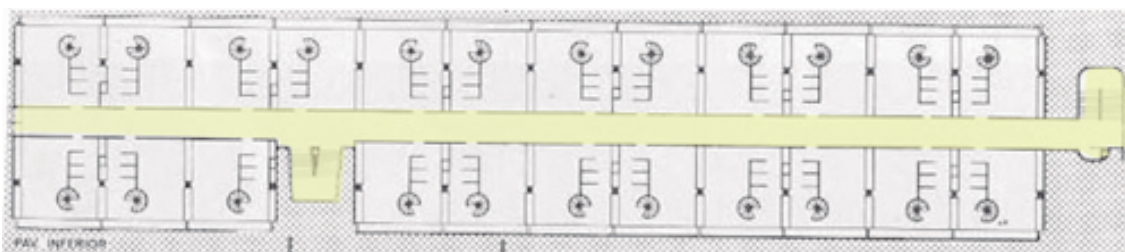


Figura 3 – Alojamento UnB – Pavimento circulação

O edifício possui uma volumetria que se ergue sobre pilotis e abriga habitações duplex. São bem definidas as áreas íntimas (roxo), serviço (laranja e verde), estar (azul) e a circulação (amarelo).

O apartamento de 67m² segue uma planta bem detalhada em soluções para o funcionamento da unidade quanto em algumas peças moldadas em concreto como a bancada, tanques e o brise soleil.

O primeiro ambiente, a sala de estar, possui dimensões consideravelmente grande comparada com as de hoje. Com 3,30m x 6,65m a sala apresenta um ambiente com bastante luz natural e uma bancada em concreto moldada in loco. Uma pequena bancada com uma pia no centro e armários localizados na parte inferior do duplex determina a função de cozinha da unidade.

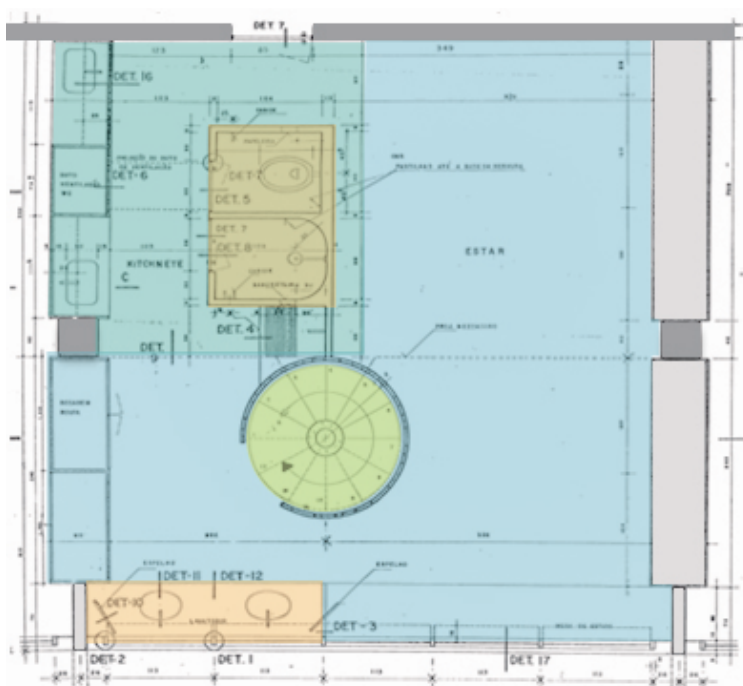


Figura 4 – Alojamento UnB – Planta Pavimento Inferior da Unidade

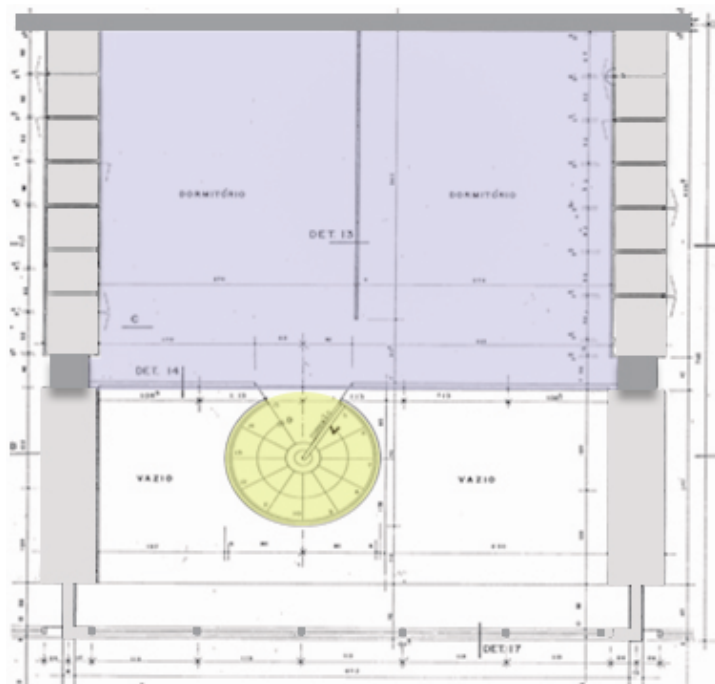


Figura 5 – Alojamento UnB – Planta Pavimento Superior da Unidade

No duplex superior se encontra os dormitórios. Um grande espaço ocupado por quatro camas separadas duas a duas por uma divisória com armários embutidos nas laterais foi a opção mais próxima encontrada para resolver a determinação do programa que vinha da Reitoria, estabelecer uma integração entre os moradores em detrimento à individualidade de quartos separados.

Desde sua inauguração, o alojamento teve muita importância já que não existiam nenhum alojamento até então.

O projeto sofreu em 2011 uma reforma, a primeira desde o projeto original, mas muitos elementos assim como a configuração interna dos apartamentos não foi mantida a original.

PUBLICAÇÕES:

LÚCIO COSTA: SOBRE ARQUITETURA (1962/2007)

Esta publicação surge em 1962 com material exclusivo e único do arquiteto Lúcio Costa. Em comemoração dos 30 anos da fundação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Ritter dos Reis de Porto Alegre em 2007 foi publicada uma nova edição em fac-símile, acrescentada a reprodução de anotações feita a próprio punho por Lúcio Costa.

BRASÍLIA E ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA (1974)

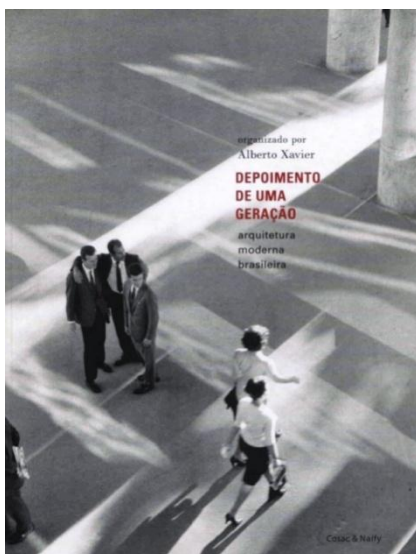
Publicação é uma edição integral da bibliografia compilada em 1977.



Figura 6

Fonte:Publicações/ DOCOMOMO Brasil

DEPOIMENTOS DE UMA GERAÇÃO (1987/2003)



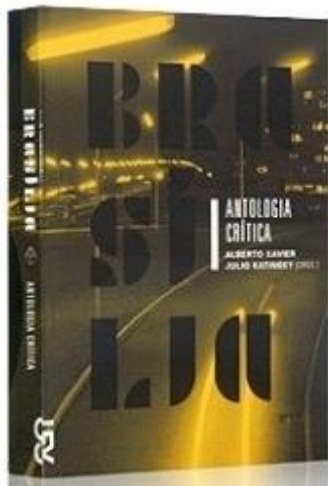
"A trajetória da arquitetura moderna brasileira é analisada em oitenta ensaios que compõem esta edição revista e ampliada do livro considerado um dos mais importantes da década de 1980.

Do período que antecede o movimento até suas conquistas, a trajetória é re vista por arquitetos como Gregori Warchavchik, Lina Bo Bardi, Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Vilanova Artigas e intelectuais, escritores e artistas em busca de uma identidade nacional – como Mário de Andrade, Mário Pedrosa e Carlos Drummond de Andrade. Um capítulo inédito traz análises de influentes pensadores, entre eles o arquiteto Walter Gropius e o crítico de arte Giulio Carlo Argan."³

Figura 7

Fonte:Editora Cosac Naify

BRASÍLIA: ANTOLOGIA CRÍTICA (2012)

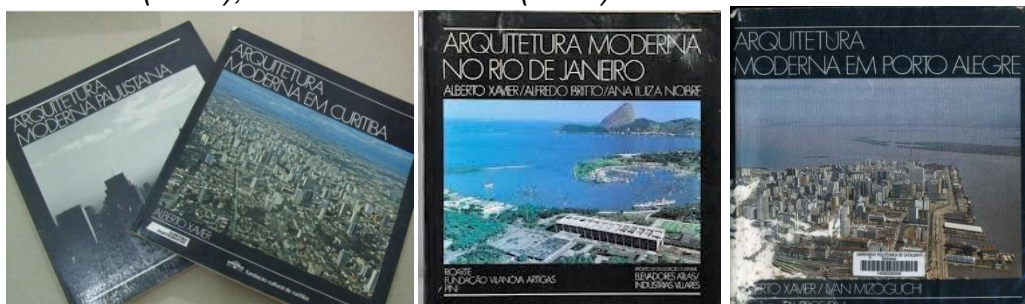


"Brasília: antologia crítica faz pela primeira vez um balanço da repercussão crítica e teórica da capital do Brasil, em âmbito nacional e internacional. São textos que datam desde antes de sua fundação até análises contemporâneas, escritos por mais de sessenta autores – ensaístas, arquitetos, urbanistas, engenheiros, historiadores, sociólogos, políticos e escritores."⁴

Figura 8

Fonte: Editora Cosac Naify

ARQUITETURA MODERNA EM CURITIBA (1982), PAULISTANA (1983), PORTO ALEGRE (1987), RIO DE JANEIRO (1991).



Compilação de obras modernas desde a primeira casa de Warchavchik de 1927 até a década de 1980.

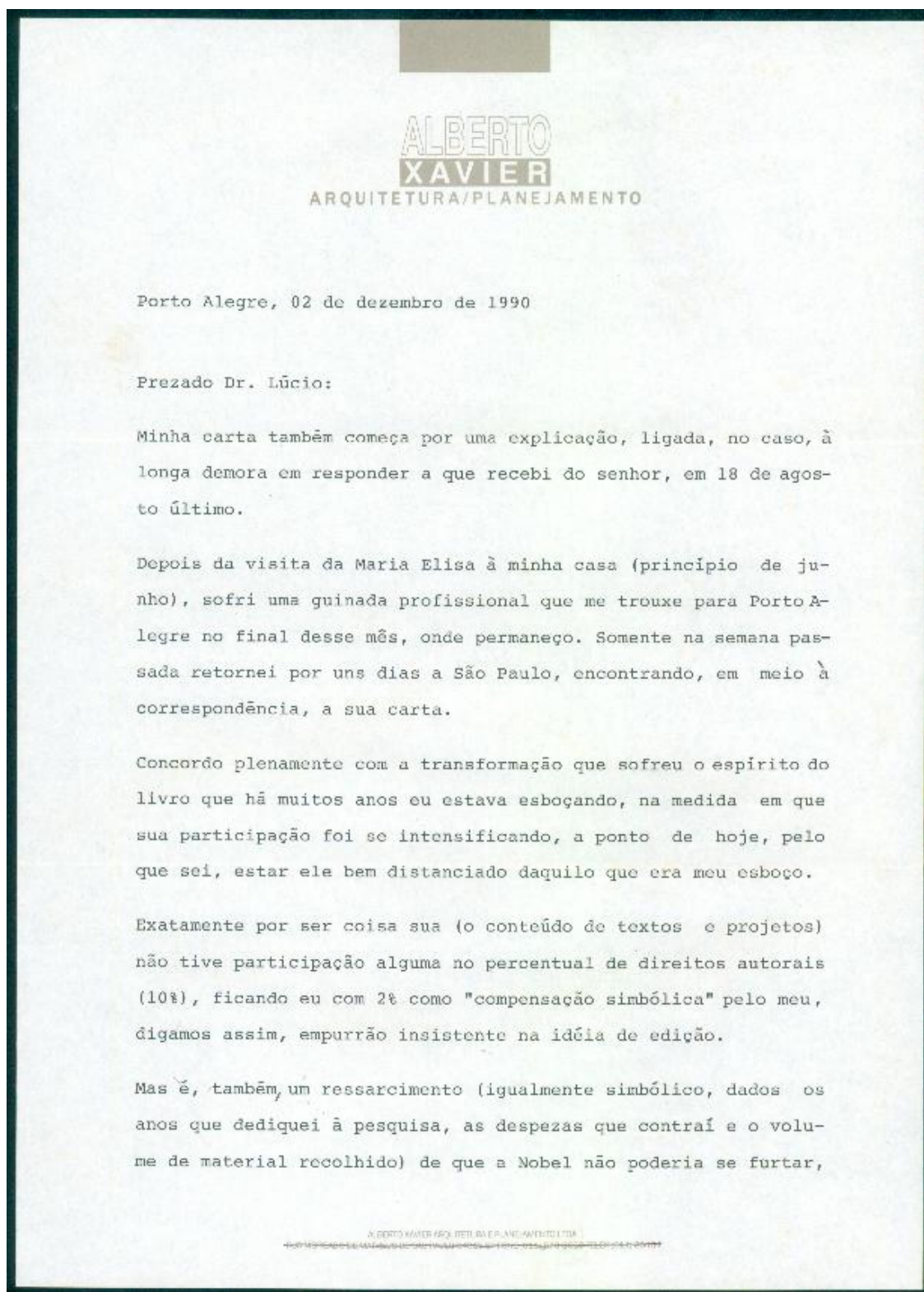
Figura 9 E 10

Fonte:Empório de Raridades

IMAGENS ANEXAS:



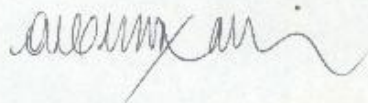
Figura 11 e 12- Envelope utilizado por Alberto Xavier para enviar uma carta ao Arqtº Lúcio Costa em 1990. Fonte – Instituto Antonio Carlos Jobim



como contratante, num empreendimento editorial em que tradicionalmente serviços como esse são incorporados aos custos de produção.

Isto exposto, parece-me não proceder o propósito de ser transferido este meu percentual para futuro livro - certamente ainda em brionário e de tiragem menor -, especialmente se considerarmos que em nada dele participei, seja sugerindo sua edição, seja recolhendo material documental.

Com o abraço amigo do



Rua Mostardeiro, 227 - aptº 601
90.460 - Porto Alegre - RS

PS - Por ser o percentual em questão assunto de contabilidade da Nobel, estou encaminhando cópia desta à editora.



Figura 13 e 14 - Carta enviada ao Arqtº Lúcio Costa em 1990.

Fonte - Instituto Antonio Carlos Jobim

Universidade de Brasília

Brasília, 7 de maio de 1973

Prezado dr. Lúcio: *

Por razões de exclusivo interesse de trabalho, deverei me desligar da UnB, no próximo semestre.

Em decorrência, estou procurando me desligar de todos os compromissos pendentes, em especial daqueles que envolvem outros setores da UnB.

No caso do livro, além do enorme interesse que tenho em ver concretizado um trabalho ao qual me dediquei com empenho e convicção durante quatro anos e meio, aqui em Brasília, há os compromissos assumidos em decorrência, perante a Reitoria e Editoras.

Assim sendo, tomo a liberdade de vir a sua presença para consultá-lo quanto a forma que julga adequada para, nesse período, ultimarmos a complementação dos dados pendentes.

Tal situação poderia se harmonizar, em princípio, com minha mudança, uma vez que a etapa presente (complementação de dados) é mais ligada à UnB e a seguinte (edição) dar-se-á em São Paulo.

Me parece portanto conveniente que, nesse período, paralelamente à revisão pretendida, sejam executados os fotolitos das ilustrações já aprovadas pelo senhor. Para tal é necessária a indicação das mesmas e a autorização dos serviços.

Necessito portanto, com urgência, desta definição, não só para encaminhar, perante a Reitoria, esta nova etapa, como para preparar relatório do que foi e será feito sobre o trabalho.

Fico na expectativa de sua atenção e agradeço os esclarecimentos; Com o reconhecimento do

Albuquerque

Figura 15 - Carta enviada ao Arqtº Lúcio Costa em 1973.

Fonte – Instituto Antonio Carlos Jobim

ília, 09 de setembro de 1971.

Prezado Dr. Lúcio:

Aproveitei a ida do Secretário da Editora UnB, em fins de julho, para fazer a entrega da fotografia pedida através do Dr. Alcides e dos documentos anexos.

Infelizmente, regressou no principio d'este mês, sem ter podido cumprir com esta e outras tarefas.

O objetivo desta é submeter à sua consideração o pedido de reedição do livro por nós editado no RGS, formulado pela Editora Perspectiva, a mesma que participa da coedição do volume ora em andamento.

Os dados necessários a uma avaliação do que é pretendido, acham-se expostas no parecer anexo, que encaminhei à Editora.

Anexo também a relação dos textos coletados em nossa pesquisa para a UnB. Creio ser útil para uma avaliação do que poderia constituir seu conteúdo.

Abrace-me

Albert Kahn

Prof. Alberto Fernando Xavier

*) medição revista e ampliada

CÓPIA

Brasília, 30 de junho de 1971.

De : Prof. Alberto Fernando Xavier
Para : Secretário da Editora UnB
A : Sr. Caio Veloso dos Anjos
Assunto: Parecer sobre edição de textos de Lúcio Costa

Senhor Secretário:

Em atendimento ao despacho de V. S^a., de hoje datado, em que me é solicitado parecer sobre proposta da Editora Perspectiva, datada de 23 último e referente a co-reedição do livro "Lúcio Costa: Sobre Arquitetura", editado em 1962 pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, me pronuncio favoravelmente à mesma, pelas seguintes razões:

A. Editoriais

1. Esgotamento da edição original, apesar da inexistência, em todo o período de vendas, de uma estrutura de distribuição, até de âmbito local.
2. Existência de grande número de estudantes e arquitetos, não atendidos na ocasião, — pela ausência de um sistema de distribuição — e ampliação potencial do quadro consumidor, com os estudantes que ingressaram na Universidade após as vendas, interesses que diariamente constatamos na UnB.
3. Enquadramento da presente proposta na coleção "Debates", da Editora Perspectiva, já consagrada no mercado.
4. Preço equivalente aos demais da coleção e, portanto, mais acessível que o ora em andamento, decorrente da ausência de despesas com pesquisa complementar e com ilustrações.

B. Pesquisa

1. O conjunto de textos, objeto da presente proposta, sempre foi parte integrante da proposta de estrutura do livro ora em andamento. Desde sua formulação, feita quando do contrato de pesquisa com a UnB em 1962, quanto ao desenvolvimento e na conclusão desta, verificada em 1966. Foi adaptada e complementada em princípios de 1969, quando ingressamos no corpo docente da UnB.
2. Somente foi o conjunto de textos minimizado quando, estando completo, dedicamo-nos a outra parte componente do livro, a do conjunto de obras, que apresentava inúmeros problemas pendentes.

3. Os contactos sucessivos mantidos com o Dr. Lúcio Costa reforçaram a concentração de esforços nesta área, a ponto de definir êle o volume ora em andamento como constituído fundamentalmente de obras.

C. Culturais

1. Corresponde a presente proposta à reedição de livro que se transformou em documento básico ^{de} bibliografia brasileira sobre o assunto.
2. A reedição, ao abordar o campo do pensamento do arquiteto, complementaria o livro ora em execução, que trata da materialização d^{este} pensamento — a obra arquitetônica.
3. Estaria proporcionando a UnB inestimável contribuição à cultura brasi-leira, já que a edição original, de pequena tiragem e ^{com} ~~sem~~ estrutura de distribuição deficiente, não atingiu boa parte do público interessado, que ora reclama pela iniciativa proposta.

Isto exposto, julgo conveniente as seguintes medidas, como forma de encaminhamento do assunto:

1. Submeter a proposta da Editora Perspectiva e o presente parecer à apre-ciação do Conselho Editorial da UnB;
2. Se aprovado, ouvir-se o arquiteto Lúcio Costa;
3. Se êste se pronunciar favoravelmente, proceder à assinatura de direitos autorais, donde constaria, necessariamente, o prazo de definição dos tex-tos constituintes do livro;
4. Assinatura de contrato de coedição com a proponente, a Editora Perspec-tiva.

Sendo êstes os pontos de vista que me pareceu conveniente alinhar, subscre-vo-me atenciosamente,


Prof. Alberto Fernando Xavier

VPRH

Figura 16 - Carta enviada ao Arqtº Lúcio Costa em 1971 com cópia para Caio Veloso dos Anjos, Secretário da Editora da UnB.

Fonte – Instituto Antonio Carlos Jobim

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa demonstra a trajetória profissional deste notável arquiteto e professor, Alberto Xavier que através do fruto de seu trabalho lhe concedeu um grande espaço e admiração no corpo docente da Academia dos professores notáveis do Centro Universitário Belas Artes. Seu empenho reflete em suas ações, como organizar um livro sobre Lúcio Costa na graduação que foi refletido diretamente em seu trabalho e pode ser conferido em inúmeras publicações.

Desta forma, pode-se visualizar a grande importância que este brilhante arquiteto pode compartilhar através da publicação do fascículo dos notáveis, onde será possível transmitir esta experiência para os alunos da própria instituição.

NOTAS

¹ Definição retirada do site <http://www.significados.com.br/biografia/> acesso em 03/08 às 19:35

² CARINO, Jonaedson. **A biografia e sua instrumentalidade educativa**. Educação & Sociedade, ano XX, nº67, Agosto/99.

³ Definição retirada do site <http://editora.cosacnaify.com.br/ObraSinopse/10643/Depoimento-de-uma-gera%C3%A7%C3%A3o.aspx> acesso em 03/08 às 20:01

⁴ Definição retirada do site <http://editora.cosacnaify.com.br/ObraSinopse/1345/Bras%C3%ADlia-Antologia-cr%C3%ADtica.aspx> acesso em 03/08 às 20:10

REFERÊNCIAS

SCHWOB, Marcel. **Vidas Imaginárias**. São Paulo: Ed 34, 1997, 11 p.

VILELA JÚNIOR, Adalberto José. **Uma Visão sobre Alojamentos Universitários no Brasil**. 9º seminário docomomo brasil, Junho/2011.

CARINO, Jonaedson. **A biografia e sua instrumentalidade educativa**. Educação & Sociedade, ano XX, nº67, Agosto/99.

REFERÊNCIAS MIDIÁTICAS

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4249952J6>
acesso em 10/11 às 02:54

<http://www.arcoweb.com.br/entrevista/quem-autorizou-isso-lucio-costa-08-02-2007.html> acesso em 07/12 às 00:48

www.revistaau.com.br/arquitetura-urbanismo/169/artigo77738-1.asp acesso em 13/06 às 10:54